

Artifício de ilusionista

ALARDEADOS como a escola do futuro, os Cieps estão arriscados a promover a liquidação do passado. E, sem o passado, não há educação imaginável: educação é processo constante de recapitulação; de retomada do acumulado pelo passado, para o ajustar ao presente e para que ele se projete em futuro.

NO Noroeste do Estado do Rio, Cieps em vias de inauguração estão produzindo o esvaziamento de escolas convencionais preexistentes e atendendo plenamente à demanda. É sucateamento de patrimônio público que se formou enquanto se sucediam os governantes. E, naturalmente, passavam. Como então pode hoje um governo, limitado no tempo pela determinação do mandato, julgar-se competente para dispor sobre o que se tornou permanente?

ALEM disso, procede-se a esse esvaziamento de maneira imperativa. Pais e responsáveis são confrontados com a escolha entre os Cieps, ou nada — ou inscrevem as crianças nos Cieps a serem inaugurados, ou verão de portas fechadas as escolas que até agora elas freqüentavam.

HA uma contradição insuperável em se oferecer uma oportunidade de educação, impondo-a. Em compelir à matrícula nos Cieps, insinuando ausência de alternativas. Porque, se a educação é fundamentalmente a re-

cuperação e promoção da cidadania, oferecê-la sem respeito algum pela cidadania será na realidade negá-la.

E COMO se tudo isso não bastasse para um processo implacável de liquidação, ainda se apela para bolsistas, estagiários, para formar o corpo docente e administrativo dos Cieps. Com duplo prejuízo social: deixando sem perspectivas os professores e funcionários das escolas convencionais; e entregando a educação e o cuidado das crianças a quem só se desincumbe de tal tarefa em caráter precário.

O ESTAGIÁRIO, com efeito, não se equipara ao professor e funcionário titulado. É profissional ainda em formação, a quem não se pode recorrer de maneira habitual e generalizada.

A FORMA como estão se implantando Cieps em Porciúncula e Santo Antônio de Pádua parece tripúdio sobre a baixa capacidade local de pressão política. Mas por que, entre tantas tarefas de governo, pinçar justamente a educação para o exercício do arbítrio? Talvez por um desvio de propósitos que fere muito mais que aqueles municípios distantes do centro de decisões. A comprometer praticamente o Estado do Rio todo. E a lhe pesar sobre o futuro.

CADA vez mais se torna mani-

festo que os Cieps não obedecem a inovação alguma nas concepções pedagógicas. Que foram construídos para o serviço de projetos políticos pessoais, muito mais que para o atendimento de aspirações de comunidades carentes. A prioridade dada a esses projetos pessoais se situou no oposto simétrico à universalização dos serviços do estado em matéria de educação.

POR isso, os pais foram e continuam sendo ignorados, na concepção e execução dos Cieps. E, com eles, a experiência dos professores. O Estado do Rio, através dos Cieps, imaginou assumir a educação pública em exclusividade ou monopólio. Não se ponderou o papel que crianças e adolescentes cumprim na divisão do trabalho em famílias pobres. Intentou-se impor a escola em tempo integral.

NÃO há muita surpresa para quem já constatou que os Cieps não são um projeto pedagógico. São peça publicitária; dessas elaboradas apenas para a duração de campanhas promocionais. Não há muita surpresa para quem já constatou que os Cieps são feitos para funcionar para fora; como biombo, que decoram, ocultando. O que reduz seu papel ao artifício ilusionista, que capta a atenção do público para o efêmero e acidental, desviando-a do permanente e essencial.